



UNIVERSIDADE PAULISTA

SIMONE REGINA DE OLIVEIRA SILVA

**DISLEXIA NO AMBIENTE ESCOLAR
COMO AJUDAR O ALUNO DISLÉXICO**

**COTIA – SP
2017**

UNIVERSIDADE PAULISTA

SIMONE REGINA DE OLIVEIRA SILVA

**DISLEXIA NO AMBIENTE ESCOLAR
COMO AJUDAR O ALUNO DISLÉXICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do título de Pedagogo
Universidade Paulista – Polo Cotia

**COTIA – SP
2017**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha filha Nicole, disléxica, possuidora de uma mente brilhante e talentos incalculáveis. Foi ela a chave que abriu a mim a porta para este mundo de descobertas e possibilidades para crianças que partilham dos mesmos desafios de aprendizagem na esfera escolar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à Deus que tornou possível a realização deste sonho, dando-me forças e sabedoria durante todo o caminho.

Agradeço à minha mãe, que tão amorosamente, abdicou-se de sua própria rotina para auxiliar-me nos cuidados de meus filhos para que assim eu pudesse me dedicar aos estudos.

Ao meu marido, que sempre me auxiliou, me incentivou e acreditou em mim.

Aos meus filhos, que por vezes me acompanharam nos encontros acadêmicos, que tiveram minha atenção reduzida no convívio familiar e que foram, sem dúvida minha maior força de motivação.

Agradeço a todos os meus familiares e amigos, que me apoiaram em minha escolha e me incentivaram a prosseguir rumo à conquista dela.

Por fim, agradeço à UNIP e todo o seu grupo de educadores, que me ofereceram o auxílio necessário para que chegasse até aqui.

EPÍGRAFE

"Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado."

Rubem Alves

RESUMO

Este documento visa apresentar a proposta de Trabalho de Conclusão de Curso na área do ensino voltada aos alunos disléxicos. Trata sobre como o professor pode, através de estratégias e metodologias diferenciadas, ajudar a promover um ensino mais apropriado e significativo para este grupo de alunos, e com isso ajudar a promover a valorização da diversidade.

Uma educação inclusiva visa atender e valorizar a diversidade, pois compreende que cada aluno possui habilidades únicas, que quando compartilhadas, somam e enriquecem grandemente as relações e interações entre eles, gerando uma aprendizagem mais efetiva e ampla. Desta forma, a escola se torna um local seguro, que não apenas cria oportunidades para o encontro com o outro, como também modela ações de respeito e valorização às diferenças.

Dentre tantas especificidades que contribuem para heterogeneidade no ambiente escolar, encontra-se a dislexia, que é conhecida como um transtorno de aprendizagem bastante comum no ambiente escolar por estar diretamente ligada à leitura e a escrita.

É na escola, onde o aluno disléxico encontra suas maiores dificuldades, especialmente nos primeiros anos da alfabetização. O modelo de escola que encontramos hoje, ainda não está preparado para atender às necessidades dele. Sua metodologia, funcionamento e formas avaliativas, sempre voltadas à memorização de conteúdos não contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem deste grupo de alunos. Ao contrário, causam grande desconforto e prejudicam a autoestima, retardando assim, seu processo evolutivo.

Desta maneira, o professor precisa estar aberto a lidar com as diferenças, tendo o desejo de conhecer mais sobre o transtorno na busca de compreender melhor as necessidades do aluno disléxico e, a partir disto, criar ferramentas as quais poderão de fato, ajudar seu aluno em sua aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Dislexia. Inclusão. Compreensão. Estratégias.

ABSTRACT

This document aims to present the proposal for a Course Completion Work in the area of teaching directed to dyslexic students. It deals with how the teacher can, through differentiated strategies and methodologies, help to promote a more appropriate and meaningful teaching for this group of students, and with that help to promote the appreciation of diversity.

Inclusive education aims at attending and evaluating diversity, as it understands that each student has unique abilities, when compared, add and enrich greatly as relationships and interactions between them, generating a more effective and broad learning. In this way, the school becomes a safe place, which not only creates opportunities for the encounter with the other, but also models actions of respect and appreciation to the different ones.

Among the many specificities that contribute to heterogeneity in the school environment is dyslexia, which is known as a learning disorder that is quite common in the school environment because it is directly linked to reading and writing.

It is at school, where the dyslexic student encounters his greatest difficulties, especially in the early years of literacy. The school model that we find today is not yet ready to meet his needs. Its methodology, functioning and evaluative forms, always focused on the memorization of content do not contribute to the learning development of this group of students. On the contrary, they cause great discomfort and impair self-esteem, thus slowing down their evolutionary process.

In this way, the teacher needs to be open to dealing with the differences, having the desire to know more about the disorder in the quest to better understand the needs of the dyslexic student and, from this, to create tools which may in fact help his student in their learning.

KEYWORDS: Dyslexia. Inclusion. Understanding. Strategies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I – SOBRE A DISLEXIA

CAPÍTULO II – DISLEXIA NO AMBIENTE ESCOLAR

**CAPÍTULO III – TÉCNICAS E MÉTODOS PARA TRABALHAR COM O DISLÉXICO
NA ESCOLA**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APÊNDICE

ANEXOS

INTRODUÇÃO

Segundo Bossa (2000), a escola surgiu com o objetivo de promover melhorias de vida na sociedade moderna, entretanto, acabou por produzir, na contemporaneidade, a marginalização e o fracasso de muitos estudantes que não se adequaram aos padrões de aprendizagem por apresentarem dificuldades. A partir do que disse a autora, pode-se acrescentar que durante muito tempo a escola e os profissionais ligados à educação não souberam realmente como agir com as crianças que manifestam algum tipo de dificuldade escolar e a saída acabava sendo sempre a repetição de conteúdo ou até mesmo de ano letivo, ambos como medida de reforço para a aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem são um assunto bastante estudado em razão do número de crianças que são encaminhadas para atendimento psicológico e psicopedagógico especializados. Também são responsáveis pelo elevado índice de reprovação e evasão escolar, principalmente no Ensino Fundamental.

Definida como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, a dislexia é um distúrbio de grande incidência nas salas de aula.

A Dislexia não deve ser comparada com uma incapacidade de inteligência, tendo em vista não se tratar de uma doença, mas de uma contrariedade no processamento da linguagem. Em *O Dom da Dislexia*, Davis (1994, p.34) trata a disfunção como: “resultado de um talento perceptivo, sendo a dislexia o primeiro termo genérico utilizado para designar vários problemas de aprendizagem”.

A dificuldade na aprendizagem é entendida como uma das características da Dislexia que influencia a linguagem oral, a produção textual, bem como sua interpretação e compreensão, podendo ainda, acrescentar disfunções tanto no campo da visão como no da audição. Para os disléxicos o reconhecimento de símbolos linguísticos torna-se um obstáculo, pois tem que haver contextualização da escrita com o concreto.

Feitas estas considerações iniciais, a presente pesquisa objetiva discutir as diversas dificuldades que o aluno disléxico dispõe no que se relaciona à prática da leitura e o desenvolvimento da produção textual.

A justificativa desta pesquisa se dá pela importância que os profissionais na área da educação, bem como os familiares dos alunos disléxicos, devem ter para que a dislexia possa ser compreendida em sua totalidade, no que diz respeito às causas e consequências evitando assim a desmotivação e evasão escolar.

O problema de pesquisa apresentado é: por qual motivo os disléxicos saem do ensino fundamental e ingressam no ensino médio, bem como em universidades sem êxito em redações e interpretação textuais?

Quanto à hipótese de pesquisa, sobressai a ideia da escassez no desenvolvimento de projetos e pesquisa com os jovens disléxicos, do mesmo modo que a falta de especialização do corpo docente para fomentar o impedimento de novas conquistas.

A metodologia utilizada para a elaboração do presente trabalho será bibliográfica e descritiva de forma qualitativa e quantitativa.

Assim, para a consecução do objetivo proposto, esta pesquisa encontra-se dividida em cinco seções: a primeira seção aborda o que é a Dislexia, abarcando as concepções sobre a etiologia dessa disfunção tanto na leitura quanto na escrita; a segunda seção discute a Dislexia e a avaliação interdisciplinar, a falta da orientação e diagnósticos correto devido inexistência de competência dos profissionais da educação, o que implica no desapontamento do aluno, prejudicando sua vida acadêmica; já na terceira seção elenca-se o grau de dificuldade do aluno disléxico na leitura e compreensão textual, igualmente a sua grafia onde deverá prevalecer à coerência e coesão do assunto abordado; por fim, a quarta seção versa sobre os métodos convencionais de ensino para os alunos disléxicos, questionando-se se tais métodos tornam-se oportunos ou se há necessidade de ser trabalhado de forma diferenciada para melhor obtenção de resultados; por fim a quinta e última seção, tece um aparato de estratégias que ajudarão de forma efetiva o aluno disléxico, pois orienta e oferece meios de abordagens que visam suas singularidades e respeitam suas limitações.

CAPÍTULO I

SOBRE A DISLEXIA

A aprendizagem é de fundamental importância para a vida humana. Para Pi-letti (1993) a aprendizagem é um fenômeno complexo que não se restringe apenas ao processo de aquisição de conhecimentos e informações. As informações são importantes, no entanto precisam passar por um processamento muito complexo, para que se tornem significativas para a vida humana.

De acordo com Schirmer, Fontoura e Nunes (2004) a aprendizagem é a construção da ação, é a tomada de consciência de coordenação das ações, assim o aluno irá construir seu conhecimento por meio de uma história individual já percorrida, tendo uma estrutura, com base em condições prévias de todo aprender, além de ser exposto ao conteúdo necessário para seu aprendizado. Os autores descrevem que o aprendizado específico da leitura e da escrita está vinculado a um conjunto de fatores que adota princípios do domínio da linguagem e a capacidade de simbolização devendo haver condições internas e externas necessárias ao desenvolvimento.

As dificuldades de aprendizagem caracterizam um quadro de fracasso escolar que acompanha diversos fatores causais e dia após dia ganham mais espaço de pesquisa e intervenção nas áreas da educação e da saúde. É possível considerá-las como um problema de saúde pública, pois suas interferências ultrapassam os muros das escolas e aparecem na sociedade através dos índices de analfabetismo e de cidadãos com baixa escolaridade (COLL, 1996).

As condições para o sucesso ou para o fracasso escolar envolvem fenômenos muito mais complexos que a simples maneira ou metodologia que o professor aplica para ensinar ou que as condições cognitivas inerentes ao indivíduo para aprender. Partindo-se dessa premissa, pode-se supor que a capacidade intelectual do aluno não pode ser considerada como único fator para a compreensão das causas de sucesso ou insucesso na escola e que atitudes como a troca de escola e, conseqüentemente, as mudanças na forma de ensinar podem não garantir o aprendizado da criança (COLLARES e MOYSES, 1996).

Afonso Barca Lozano e Ana Porto Rioboo (1998) definem que o processo de aprendizagem integra três aspectos. O primeiro aspecto entende a aprendizagem como uma ação onde o aluno se coloca como parte ativa, pois ele precisa realizar certas atividades para que os conteúdos possam ser assimilados. O segundo aspecto menciona a aprendizagem como um processo construtivo, porque as atividades que os alunos realizam, ao longo do percurso, apresentam como objetivo final a construção do conhecimento. E por fim, o terceiro aspecto aborda a aprendizagem como um processo significativo, visto que aquilo que o aluno irá se apropriar deve fazer algum sentido para ele. Assim, toda aprendizagem, seja ela de hábitos, conceitos, acontecimentos, procedimentos, atitudes, valores ou normas; exige do indivíduo a obtenção de esquemas mentais e a busca de soluções para novos problemas, com a finalidade de resolver tarefas e adaptar-se de forma ativa e construtiva.

Há em contrapartida, as dificuldades de aprendizagem que podem ser divididas em subgrupos, sendo que os principais tipos são: dificuldade de leitura, que ocorre quando o indivíduo não consegue aprender a ler ou apresenta problemas para ler como lentidão ou incompreensão do que decifra; dificuldade de escrita, ocorrendo a incapacidade do indivíduo em escrever usando corretamente todas as letras necessárias; dificuldade com a matemática, quando o aluno não consegue executar cálculos ou resolver problemas matemáticos; dificuldade com a ortografia, quando as regras ortográficas não são internalizadas e por consequência acabam por ser desprezadas; e por fim, a dificuldade com a grafia, constatada nos casos onde mesmo após treinos de motricidade fina, o indivíduo que escreve não consegue produzir uma letra legível ou dentro dos limites das linhas.

A dificuldade de aprendizado que os estudantes apresentam em sala de aula referente à linguagem, soletração e escrita e que ocorrem geralmente nos anos iniciais da alfabetização, muitas vezes não tem como fundamento principal a ausência de motivação e falta de interesse por parte do aluno, muito embora o estudante que possui tais características por vezes é julgado erroneamente como preguiçoso e indolente, não somente no ambiente familiar que às vezes seus integrantes são leigos ou não fazem questão de investigar a causa apresentada, como também o universo escolar não dispõe de profissionais capacitados para apurar a situação.

Esse fenômeno que ocorre entre linguagem e leitura é característica evidenciada dos disléxicos, os sociolinguistas atribuem essa ocorrência à Dislexia do Desenvolvimento.

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (Definição adotada pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2017, s.p).

A Dislexia está atrelada a um processo inerte de aprendizagem, a qual afeta o sistema cognitivo desencadeando a falta de aquisição de novos conhecimentos em áreas específicas, o presente trabalho terá enfoque da Dislexia no processamento da linguagem.

Os estudos sobre dislexia vêm aumentando no decorrer dos últimos anos, trazendo diferentes definições e entendimentos, a seguir serão apresentadas algumas delas.

Para Johnson e Myklebust (1983 *apud* CARIBÉ, 1990) há muitas razões para a existência de distúrbios de leitura entre as crianças, entre eles estão o retardo mental, a deficiência sensorial, os problemas emocionais, os distúrbios neurológicos e ensino inadequado. As crianças que não aprendem a ler geralmente são categorizadas como sendo mentalmente limítrofes ou emocionalmente perturbadas, a criança disléxica não é nem uma coisa nem outra, ela é normal. Se uma criança tem dificuldade para integrar uma experiência significativa ou aprender a partir das modalidades visual ou auditiva, pode-se esperar que ela tenha um distúrbio de leitura, se ela não associa significado aos símbolos, ela pode desenvolver a capacidade de repetição de palavras, mas não a compreensão.

Dentre as causas que dificultam a leitura os autores destacam duas, que podem ser endógenas e as exógenas. As causas endógenas referem-se à baixa percepção visual e auditiva, falta de noção de esquema corporal, falta de orientação no tempo e no espaço, problemas de dominância lateral, doenças como convulsões,

partos com problemas e hereditariedade. Já as causas exógenas se referem má frequência escolar, recusa do ambiente escolar, problemas de motivação cultural, deficiente orientação pedagógica, falta de recursos familiares e sociais e fatores emocionais.

Caribé (1990) relata que geralmente o disléxico apresenta a seguinte história de vida: o indivíduo tem algum familiar com a mesma deficiência de linguagem, já teve problemas no nascimento, vindo de um parto difícil, geralmente ocorrido por anoxia, ou seja, asfixia relativa, prematuridade no nascimento ou passou da data prevista para o parto, quando criança adquiriu alguma doença infecto-contagiosa, que tenha produzido convulsões ou perda de consciência, atraso na aquisição da linguagem ou perturbações na articulação da mesma, atraso para andar e problemas de dominância lateral o uso da mão esquerda ou direita.

Capovilla et al. (2001) em um breve histórico sobre as diferentes definições de dislexia relatam que os estudos iniciais realizados por Bronner (1917) e Orton (1937) a relacionavam com dificuldades de processamento visual, hipótese que não foi confirmada pelos estudos de intervenção. Organizações com a *World Federation of Neurologists* em 1968, definiu dislexia do desenvolvimento como um distúrbio em que a criança, falha em adquirir as habilidades de leitura e escrita e soletração. O *National Institute of Health American* definiu a dislexia como um dos vários tipos de distúrbios de aprendizagem, específica de linguagem de origem constitucional e caracterizado por dificuldades em decodificar palavras isoladas, que são frequentemente inesperadas em relação à idade e a outras habilidades cognitivas e acadêmicas.

Nos anos 70 os estudos começaram a enfatizar a importância do processamento fonológico para a leitura e escrita. Capovilla et al. (2001) mencionam que a hipótese do déficit fonológico foi confirmada por várias pesquisas que apontavam que as intervenções para desenvolver a consciência fonológica produziam ganhos no processo de leitura e escrita. Os mesmos autores explicam que déficit fonológico são os problemas de leitura e escrita que estão ligados a dificuldades mais gerais de processamento, que incluem percepção e discriminação da fala, nomeação e memória verbal, assim o indivíduo com dificuldades fonológicas apresentaria dificuldades de processar isto é discriminar, coordenar e integrar eventos múltiplos que ocorrem em proximidade temporal.

De acordo com Smythte (2000 *apud* CAPOVILLA et al. 2001) a dislexia, como uma dificuldade na aquisição de leitura e soletração, pode ser causada por uma combinação de distúrbios fonológicos, visuais e de processamento auditivo e também pode estar presente a dificuldade na evocação de palavras e na velocidade de processamento. E necessário, portanto, investigar quais são as relações entre a ortografia e as diferentes dificuldades subjacentes aos problemas de leituras e escritas podendo levantar a hipótese de que cada ortografia tem diferentes fatores causais subjacentes a tais problemas, ou por outro lado os mesmos distúrbios podem ser encontrados, mas com diferentes prevalências em funções das características da ortografia.

Massi (2007) considera a dislexia como um atraso evolutivo congênito com prejuízo na capacidade para transcrever sons, letras e compreender o material escrito, mas o principal problema não reside na compreensão ou na discriminação, mais sim na interpretação dos símbolos. O disléxico geralmente apresenta um rendimento escolar inferior na leitura. A característica essencial dos transtornos na leitura se situa substancialmente inferior ao esperado em função da idade cronológica do potencial intelectual e da escolaridade do indivíduo.

Para que se compreenda o que é a dislexia é preciso compreender questões internalizadas do ser humano como memorização, pensamento e linguagem. Deve-se abortar a ideia de que quem é eficaz não necessariamente deverá ser bom em todas as tarefas executadas.

Segundo Muszkat e Rizzutti (2012, p.16) os transtornos de leitura e escrita têm uma alta prevalência, entre 7% a 10% das crianças em idade escolar, que, nos países em desenvolvimento, contribui significativamente para o fracasso e evasão escolar.

A palavra Dislexia significa (DIS) – distúrbio e (lexia) – proveniente do latim que quer dizer leitura terá então o distúrbio da leitura e da linguagem, sendo uma forma diferente de enxergar o mundo das palavras, os disléxicos possuem uma dificuldade na aprendizagem que acarreta uma complexidade no meio social, haja vista que se trata de peculiaridades a serem trabalhadas e na qual se exige do docente e do universo interdisciplinar uma maior e melhor especialização para projetá-lo, ou seja, um avanço no que tange ao meio acadêmico proporcionando ao disléxico novas possibilidades e habilidades mais aguçadas no tocante ao campo da linguagem e escrita.

A Dislexia é um processo diferenciado em busca da aprendizagem, onde são notórias mentes brilhantes, entretanto há uma confusão na internalização de determinadas áreas do conhecimento, porém não se pode descaracterizar o potencial de conhecimentos do aluno disléxico, devendo ser elencados metodologias diferentes para a busca novas de conquistas.

CAPÍTULO 2

A DISLEXIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Ao longo de seus períodos históricos a escola mostrou-se como um espaço de ensino baseado em uma educação rígida, conservadora e tradicional, tendo o professor como o principal instrumento de conhecimento e responsável pela transmissão dele.

Paulo Freire, classifica este formato de educação como “educação bancária e explica que

“nela, o educador “enche” os educandos com os conteúdos de sua narração. A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem ‘enchidos’ pelo educador. Quando mais vá ‘enchendo’ os recipientes com seus depósitos, tanto melhor educador será. Quanto mais de deixem docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação”.

Nesta esfera escolar, permanecem apenas os alunos que se encaixam dentro das características do formado oferecido. Os demais, que não conseguem se adaptar ao modelo, sofrem punições de carácter físico, emocional e psicológico, as quais os conduzem ao fracasso e ainda, ao abandono escolar. A escola, é para este grupo, um espaço de opressão e desvalorização de suas capacidades.

Por questões políticas e sociais, percebeu-se, entretanto, a necessidade de um novo modelo escolar, o qual pudesse” acomodar todas as crianças independen-

temente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos desvantajados ou marginalizados.” (Declaração de Salamanca, 1994).

Este novo período da educação para todos passa então a valorizar a heterogeneidade.

Sabe-se que diversidade dinamiza os grupos, enriquece as relações e interações, levando a despertar no educando o desejo de se comprometer e aprender. Desta forma, a escola passa a ser um lugar privilegiado de encontro com o outro, para todos e para cada um, onde há respeito por pessoas diferentes.

Com a escola aberta a todos, o ambiente escolar se torna um local privilegiado, no qual o professor pode, através de um olhar mais aprofundado, identificar, orientar e conduzir estes alunos, criando, juntamente com a família e profissionais especializados, criar estratégias que melhor atendam às necessidades de seus alunos.

É na escola que a dislexia, de fato, aparece. Há disléxicos que revelam suas dificuldades em outros ambientes e situações, mas nenhum deles se compara à escola, local onde a leitura e escrita são permanentemente utilizadas e, sobretudo, valorizadas. Entretanto, a escola que conhecemos certamente não foi feita para o disléxico. Objetivos, conteúdos, metodologias, organização, funcionamento e avaliação nada têm a ver com ele. Não é por acaso que muitos portadores de dislexia não sobrevivem à escola e são por ela preteridos. E os que conseguem resistir a ela e diplomarse o fazem, astuciosa e corajosamente, por meio de artifícios, que lhes permitem driblar o tempo, os modelos, as exigências burocráticas, as cobranças dos professores, as humilhações sofridas e, principalmente, as notas. (ABD, 2016)

As dificuldades de aprendizagem, quando não devidamente investigadas, avaliadas e propriamente trabalhadas com o intuito de criar possibilidades e tornar possível o desenvolvimento acadêmico do aluno, pode levar à uma série de problemas na esfera cognitiva e emocional do aluno, conduzindo-o assim ao fracasso e ao abandono escolar.

Neste contexto, o educador deve estar aberto para lidar com as diferenças, e como Frederic Litto, da Escola do Futuro da USP coloca: "deve ser um estimulador do prazer de aprender, um alquimista em fazer o aluno enxergar o "contexto" e o "sentido" e, um especialista em despertar a autoestima". Para que isto ocorra, deve transformar a sala de aula em uma "oficina", preparada para exercitar o raciocínio, isto é, onde os alunos possam aprender a ser objetivos, a mostrar liderança, resolver conflitos de opinião, a chegar a um denominador comum e obter uma ação construtiva. Sob este prisma, a interação com o aluno disléxico torna-se facilitada, pois, apesar do distúrbio de linguagem, este aluno apresenta potencial intelectual e cognitivo preservado; desta maneira estará sendo estimulado e respeitado, além de se favorecer um melhor desempenho. (ABD, 2016)

2.1- Dislexia e Avaliação Diagnóstica

Apesar da existência de vários sinais precoces de Dislexia e de dificuldades significativas na consciência fonológica, nomeação rápida e memória de trabalho verbal ser já claramente evidentes durante o período pré-escolar, o diagnóstico da Dislexia só pode ser efetuado após o início da aprendizagem formal da leitura e escrita. Este diagnóstico, na maioria das vezes ocorre (ou deveria ocorrer) durante o 1 Ciclo do Ensino Básico. É aconselhável que o diagnóstico formal da Dislexia não seja estabelecido muito antes do final do 2 ano de escolaridade, pois dificuldades na fase inicial da aprendizagem da leitura/escrita podem ser banais pela frequência e pela necessidade de se ter que observar dificuldades persistentes na aprendizagem da leitura/escrita. Contudo, o rastreio ("screening") dos sinais precoces de dificuldades na leitura e/ou de Dislexia deveria de ocorrer durante o período pré-escolar, pois será claramente demonstrado que uma intervenção fonológica é mais eficaz no período pré-escolar e nos anos iniciais da escolaridade. Ou seja, aos primeiros sinais precoces de uma possível dificuldade na aquisição da leitura e/ou Dislexia deveria ser realizada uma avaliação especializada e uma adequada e intensiva intervenção (idealmente no período pré-escolar ou nos anos iniciais da escolaridade), muito embora o

diagnóstico definitivo da Dislexia seja recomendado que ocorra após, pelo menos um ano (e meio) de frequência escolar. Esta intervenção precoce nas funções do processamento fonológico permite, não só, minimizar muitas das dificuldades na fase inicial da aquisição da leitura, bem como, analisar a resposta da criança à intervenção (*“response to intervention”*) auxiliando, assim, a melhor clarificar o diagnóstico. (Portal da Dislexia, 2017)

O processo de avaliação na Dislexia é complexo pois envolve a avaliação de uma multiplicidade de funções neurocognitivas e neurolinguísticas para determinar a natureza etiológica das dificuldades apresentadas pela criança (para além de um diagnóstico diferencial para exclusão/ inclusão de outras possíveis comorbidades), pelo que é indispensável recorrer à avaliação com profissionais experientes, como por exemplo neuropsicólogos neste domínio. (Portal da Dislexia, 2017).

A inclusão do aluno disléxico na escola, como pessoa portadora de necessidade especial, está garantida e orientada por diversos textos legais e normativos. **A lei 9.394, de 20/12/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação)**, por exemplo, prevê:

- Que a escola o faça a partir do **artigo 12**, inciso I, no que diz respeito à elaboração e a execução da sua Proposta Pedagógica;
- Que a escola deve prover meios para a recuperação dos alunos de menos rendimento (inciso V);
- Que a escola permita à escola organizar a educação básica em séries anuais, períodos semestrais e ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios ou por forma diversa de organização (**artigo 23**);
- Que a avaliação seja contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo período (**artigo 24, inciso V, a alínea a**).

Diante de tais possibilidades, é possível construir uma Proposta Pedagógica e rever o Rendimento Escolar considerando o aluno disléxico. (ABD- Associação Brasileira de Dislexia).

A Proposta Pedagógica oferece a possibilidade de provas escritas, provas orais, testes, atividades práticas, diários, fichas avaliativas, pareceres descritivos e observações de comportamento. Para o aluno disléxico, tais atividades devem ser adaptadas, visando suas necessidades.

Não é necessário que alunos disléxicos frequentem salas de classes especiais. Alunos disléxicos têm muito a oferecer para os colegas e muito recebe deles. Esta troca de saberes, afetos, competências e habilidades só faz crescer a amizade, a colaboração e a solidariedade. (ABD- Associação Brasileira de Dislexia).

Para trabalhar com crianças disléxicas o docente, bem como a equipe escolar deverá ser capacitado, devendo esses conhecer sobre o que é a dislexia e saber sobre suas causas e consequências no intuito de diagnosticar precocemente o aluno disléxico fazendo com o mesmo se sinta mais confortável e venha interagir melhor em sala de aula.

Diante do exposto, Muszkat e Rizzutti (2012, p. 62) aborda a avaliação diagnóstica da seguinte forma:

A avaliação diagnóstica deve abranger três aspectos: avaliação da eficiência da leitura e os tipos de erros da escrita; identificação da rota preferencial que a criança utiliza para a leitura; discrepância com o seu desempenho cognitivo.

Além da categorização de erros cometidos, a diferença principal em crianças que têm transtorno de aprendizagem pode ser encontrada na velocidade com que as características do sistema de escrita são compreendidas e na profundidade alcançada por tais conhecimentos.

Anterior a isso, algumas considerações deverão ser descartadas que não são necessariamente um fator originário da dislexia, conhecidos como fatores que dificultam o diagnóstico, ou seja, dificuldades sensoriais, sendo problemas relacionados à

visão e a audição, após a conclusão negativa desse levantamento, novas investigações devem ser realizadas devendo ser trabalhado com o aluno a possibilidade da dislexia. Destaca-se a importância do professor em meio a esse diagnóstico que na maioria das vezes torna-se errôneo por parte do docente vindo ser caracterizado como preguiça e desmotivação por parte do estudante.

Para melhor diagnóstico, o docente deverá estar atento a alguns sintomas no que se refere à Dislexia, tais como: Dificuldade com a linguagem e escrita, dificuldades com a ortografia e lentidão na aprendizagem da leitura.

O aluno disléxico deverá ser acompanhado por uma equipe multidisciplinar e interdisciplinar abrangendo neurologista, oftalmologista, psicólogo, pedagogo e fonoaudiólogo.

2.2- Dificuldades do aluno disléxico na leitura e interpretação textual

A internalização das palavras para o aluno disléxico deve estar relacionada diretamente com algo concreto, algo que o aluno conheça e já teve contato anteriormente, o aluno disléxico possui uma dificuldade de compreender a relação entre letra (escrita) e o fonema (som).

Podemos elencar algumas das complexidades relevantes que a Dislexia apresenta no aluno no que diz respeito à linguagem e escrita como, por exemplo: erros de soletração e grafia, confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de escrita: a-o; c-o; e-c; f-t; h-n; i-j, m-n; v-u; etc; sílabas ou palavras com grafia análoga, mas com escrita distinta no espaço: b-d; b-p; d-b; d-p; d-q; n-u; w-m; a-e; desordem entre letras que possuem sons parecidos, principalmente quando o lábio faz a pronuncia parecida: d-t; j-x;c-g;m-b-p; v-f; inversões de sílabas ou palavras: me-em; sol-los; som-mos; sal-las; pal-pla, tais dificuldades acarretam em troca, omissão e inversão, fazendo com que a leitura torna-se muitas vezes incompreensível. Nesse contexto, tornam-se inviável para a criança disléxica obter informações coerentes retiradas do texto.

A compreensão de um texto segundo Fayol (2014, p.18) “consiste em estabelecer uma representação coerente (que não comporte contradição) e integrada (que leve em conta todas as informações) da situação escrita e dos eventos relatados [...]”.

A leitura é um conhecimento adquirido gradativamente com enfoque nas repetições, nesse sentido, a decodificação de palavras torna-se importante para as primeiras etapas da aprendizagem, devendo ser assimilados até o ensino fundamental fazendo o reconhecimento do símbolo linguístico se dá no encontro do seu significado e significante. Ao identificarmos as letras através do processo visual, internalizamos em nossa consciência, depois chegamos ao significado de cada palavra formando então o vocábulo.

O ato de escrever é complexo, tendo que ser associado o símbolo linguístico a uma sequência de letras ordenadas, é na escola que aprendemos esse traçado de forma correta e linear, é o ambiente escolar que fornece ao aluno o processo de ensino-aprendizagem que o mesmo necessita para a agregação do conhecimento linguístico.

CAPÍTULO 3

TÉCNICAS E MÉTODOS PARA TRABALHAR COM O DISLÉXICO NA ESCOLA

O papel da escola é imprescindível no diagnóstico precoce aos alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem, o aluno disléxico traz em sua vida acadêmica um histórico de cobranças e incapacidades, muitas vezes feitas pelos pais e professores, essa exigência gerada em torno da criança, faz com que gere a evasão escolar, para o docente, retirar a criança da letargia requer mais empenho do que o qual costuma apresentar regularmente.

Nesse sentido, as técnicas de ensino e viabilidades de aprendizagem apresentadas a esses alunos, deverão ser distintas dos demais, o disléxico requer do professor além de uma bagagem acadêmica específica e especializada, muita paciência e determinação, haja vista que o ritmo de execução das atividades e a dificuldade apresentada pelo aluno deverão ser respeitados durante o processamento das informações.

Com o objetivo de adequar novas oportunidades ao aluno disléxico na prática da leitura e produção de textos, se faz necessário que as crianças tenham uma intervenção apropriada e que se fundamenta nas peculiaridades dos fonemas e grafemas, Muszkat e Rizzutti (2012, p.73) concluíram que:

Todas as atividades de estimulação da linguagem escrita devem ser realizadas de forma lúdica, principalmente por meio de jogos e brincadeiras, para que a criança sinta prazer em ler e escrever. Nesse sentido, é útil orientar os pais sobre o papel importante da leitura de histórias infantil, leitura de rótulos e jogos de rima, estimulando a motivação e não a obrigação da leitura.

Para que a dislexia possa ser tratada, o trabalho de reabilitação consiste em treinamentos das áreas específicas do cérebro que remetem o campo da memória,

baseando-se em estímulos constantes, treinamento dos fonemas, palavras e formação de frases.

Alguns procedimentos básicos poderão auxiliar o aluno disléxico a alcançar êxito em desenvolvimento acadêmico. O professor, deve utilizar destas ferramentas e, com isso torna-se um facilitador no processo de ensino-aprendizagem deste aluno. Para BORBA e BRAGGIO, tais procedimentos incluem:

- Tratar o aluno disléxico com naturalidade. Ele é um aluno como qualquer outro e tem necessidades individuais que devem ser respeitadas, assim como os demais.
- -Usar linguagem direta, clara e objetiva quando tratar com ele. Muito disléxico tem dificuldade para compreender uma linguagem muito simbólica, sofisticada e metáfora. Utilizar frases simples, curtas e concisas ao passar informações facilita a compreensão.
- -Falar olhando diretamente ao aluno. Isso enriquece e favorece a comunicação.
- -Trazer o aluno para perto da lousa e mesa do professor. Esta estratégia pode favorecer o diálogo, facilitar o acompanhamento, facilitar a orientação, criar e fortalecer novos vínculos.
- -Verificar discretamente se o aluno compreende a exposição do professor. Observar se o aluno apresenta dúvidas a respeito do assunto discutido em sala, se ele consegue entender o fundamento, se acompanha o raciocínio, a explicação e os fatos. O professor deve retomar a explicação e diversificar a metodologia, caso se faça necessário.
- - Respeitar o ritmo do aluno. O disléxico tem um ritmo diferente dos não-disléxicos, portanto, evite submetê-lo a pressões de tempo ou competição com os colegas.
- - Observar a integração do aluno com os colegas. Geralmente o disléxico angaria simpatias entre os companheiros. Suas qualidades e habilidades são valorizadas, o que lhes favorece o relacionamento. Entretanto, sua inaptidão para certas ativi-

dades escolares, tais como provas em dupla, trabalhos em grupo, etc, pode levar os colegas a rejeitá-lo nessas ocasiões. O professor deve evitar situações que evidenciem este fato. Com a devida distância, discreta e respeitosamente, deve contribuir para inserção do disléxico no grupo-classe.

- -Estimular, incentivar, fazê-lo acreditar em si e sentir-se forte, capaz e seguro. O disléxico tem sempre uma história de frustrações, sofrimentos, humilhações e sentimentos de menos valia, para a qual a escola deu uma significativa contribuição. Cabe, portanto, a essa mesma escola, ajuda-lo a resgatar sua dignidade, a fortalecer seu ego, a construir sua autoestima.
- -Sugerir “dicas”, “atalhos”, “associações”. Tais ferramentas ajudarão o aluno a lembrar-se de executar atividades ou a resolver problemas.
- - Sugerir, permitir e estimular o uso de gravador, tabuada, máquina de calcular e recursos de informática. Tais recursos darão apoio e ajudarão o aluno na execução de tarefas.
- - Permita, sugira e estimule o uso de outras linguagens.
- -Apresente-lhe o conhecimento em partes, de maneira dedutiva. Em geral o disléxico tende a lidar melhor com as partes do que com o todo. Abordagens e métodos globais e dedutivos são de difícil compreensão para ele. Apresente-lhe o conhecimento de forma parcial.

Elaboração e Formatação de Atividades Avaliativas

O disléxico tem dificuldade para ler e entender o que lê. Sendo assim:

- Avaliações que contenham exclusivamente textos, sobretudo textos longos, não devem ser aplicadas para tais alunos;
- Deve ser utilizada uma única fonte, simples, em toda a prova (preferencialmente “Arial 11” ou “Times New Roman 12”), evi-

tando-se misturar fontes e tamanhos, sobretudo às manuscritas (itálicas e rebuscadas);

- Ofereça uma folha de prova limpa, sem rasuras, riscos ou sinais que possam confundir o leitor;
- A prova deve ser lida em voz alta pelo professor e, antes de iniciá-la, o mesmo deve verificar se o aluno compreendeu o que lhe foi perguntado o que se espera que seja feito e como se dará a execução;
- O texto referente a cada questão deve ser claramente destacado;
- Recorra a símbolos, sinais, gráficos, desenhos, modelos, esquemas e assemelhados, que possam fazer referência aos conceitos trabalhados;
- Não utilizar textos científicos ou literários (mormente os poéticos) que sejam densos, carregados de terminologia específica, de simbolismos, de eufemismos, de vocábulos com múltiplas conotações... para que o aluno os interprete exclusivamente a partir da leitura. Nesses casos, recorra à oralidade;
- Evitar estímulos visuais “estranhos” ao tema em questão;
- Se utilizar figuras, fotos, ícones ou imagens, cuidar para que haja exata correspondência entre o texto escrito e a imagem;
- Dar preferência às avaliações orais, através das quais, em tom de conversa, o aluno tenha a oportunidade de dizer o que sabe sobre o(s) assunto(s) em questão;
- Não indicar livros apenas para leituras paralelas. Dar preferência a outras experiências que possam contribuir para o alcance dos objetivos previstos: assistir a um filme, a um documentário, a uma peça de teatro, visitar um museu, um laboratório, uma instituição, empresa ou assemelhado, recorrer a versões em quadrinhos, em animações, em programas de informática;

Ao empregar questões de falso-verdadeiro:

- Construir um bom número de afirmações verdadeiras e em seguida reescreva a metade, tornando-as falsas;
 - Evitar o uso da negativa e também de expressões absolutas;
 - Construir as afirmações com bastante clareza e aproximadamente com a mesma extensão;
 - Incluir somente uma ideia em cada afirmação;
 - Evitar formular questões negativas.
-
- Ao empregar questões de associações:
 - Tratar de um só assunto em cada questão;
 - Redigir cuidadosamente os itens para que o aluno não se atrapalhe com os mesmos.
 - Usar somente um claro, no máximo dois, em cada sentença;
 - Fazer com que a lacuna corresponda à palavra ou expressão significativas, que envolvam conceitos e conhecimentos básicos e essenciais – também chamados de “ferramentas” e não a detalhes secundários;
 - Ao empregar questões de lacuna, conserve a terminologia presente no livro adotado ou no registro feito em aula.

O disléxico tem dificuldade para reconhecer e orientar-se no espaço visual. Assim sendo, se faz necessário observar as direções da escrita (da esquerda para a direita e de cima para baixo) em todo o corpo da avaliação.

O disléxico tem dificuldade com a memória visual e/ou auditiva (o que lhe dificulta ou lhe impede de automatizar a leitura e escrita). Assim sendo, é preciso:

- Repetir o enunciado na(s) página(s), sempre que se fizer necessário;
- Não elaborar avaliações que privilegiem a memorização de nomes, datas, fórmulas, regras gramaticais, espécies, definições, etc. Quando tais informações forem importantes, forneça-

as ao aluno (verbalmente ou por escrito) para que ele possa servir-se delas e empregá-las no seu raciocínio ou na resolução do problema;

- Privilegiar a avaliação de conceitos e de habilidades e não de definições;
- Permitir a utilização da tabuada, calculadora, gravador, anotações, dicionários e outros registros durante as avaliações;
- Dar instruções curtas e simples (e uma de cada vez) para evitar confusões;
- Elaborar questões em que o aluno possa demonstrar o que aprendeu completando, destacando, identificando.

O aluno disléxico ou com outras dificuldades de aprendizagem tende a ser lento (ou muito lento). Assim sendo, é importante:

- Dar mais tempo para realizar a prova;
- Possibilitar a realização da prova num outro ambiente da escola (sala de orientação, biblioteca, sala de grupo);
- Elaborar mais avaliações e com menos conteúdo, para que o aluno possa realizá-las num menor tempo.
- Considerar que o aluno disléxico já tem dificuldades para automatizar o código linguístico da própria língua e isso se acentua em relação à língua estrangeira.
- Considerando que a avaliação tem a finalidade fundamental de adequar os processos didáticos às necessidades dos alunos (finalidade reguladora), devemos cada vez mais destacar a necessidade da autorregulação dos alunos para adequar os próprios processos de aprendizagem e poder aprender. Neste processo, a professora, os colegas e o próprio aluno atuam como agentes, avaliando e refletindo sobre como se desenvolve a tarefa, para poder fazer os ajustes em suas estratégias de aprendizagem de maneira autônoma.

Alguns aspectos práticos a serem observados em relação à avaliação:

- Avaliar continuamente (maior número de avaliações e menor número de conteúdo);
- Personalizar a avaliação sempre que possível. Desenhos, figuras, esquemas, gráficos e fluxogramas, ilustram, evocam lembranças ou substituem muitas palavras e levam aos mesmos objetivos;
- Quando for idêntica a dos colegas, leia você mesmo(a) os enunciados em voz alta, certificando-se de que ele compreendeu as questões;
- Durante a avaliação preste a assistência necessária, dê a ele chance de explicar oralmente o que não ficou claro por escrito e respeite o seu ritmo;
- Ao corrigi-la, valorize não só o que está explícito como também o implícito e adapte os critérios de correção para a sua realidade;
- Não faça anotações na folha da prova (sobretudo juízo de valor);

A nota final não deve ser registrada sem antes;

- Retomar a prova com ele e verificar, oralmente, o que ele quis dizer com o que escreveu;
- Pesquisar, principalmente, sobre a natureza do(s) erro(s) cometido(s). Ex.: Não entendeu o que leu e por isso não respondeu corretamente ao solicitado? Leu, entendeu, mas não soube aplicar o conceito ou a fórmula? Aplicou o conceito (ou a fórmula), mas desenvolveu o raciocínio de maneira errada? Em outras palavras: em que errou e por que errou?
- Dê ao aluno a opção de fazer prova oral ou atividade que utilize diferentes expressões e linguagens. Exigir que o disléxico comunique o que sabe, levante questões, proponha problemas e apresente soluções exclusivamente através da leitura e da es-

crita é violentá-lo; é, sobretudo, negar um direito – natural – de comunicar-se, de criar, de livre expressar-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora muito já se haja descoberto sobre este transtorno, a dislexia no contexto escolar é ainda um desafio para professores, familiares e especialmente para o aluno disléxico, que se torna vítima da falta de preparo da escola. A defasagem na formação oferecida aos profissionais da educação sobre o assunto, leva a atitudes equivocadas sobre as formas de abordagens e estratégias que visam orientar este grupo de alunos.

Com a identificação do professor e avaliação diagnóstica precisa, realizada pelos profissionais da saúde, é possível a elaboração de um plano de ação que vise ajudar e orientar o aluno disléxico e sua família para um trabalho de sucesso. Esta parceria é essencial neste processo de intervenção.

O papel do professor é de proporcionar estratégias e metodologias diversificadas, respeitando as necessidades especiais deste grupo de alunos e ao fazê-las, criar meios pelos quais o aluno supere suas dificuldades de aprendizagem e a mesma se torne prazerosa e estimulante.

Com este trabalho, espera-se que tais ferramentas se coloquem à disposição de professores e demais educadores, na tentativa de orientar e ajudar o aluno disléxico na obtenção de êxito em sua vida escolar.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

A inclusão do disléxico na escola. Disponível em:

<http://www.dificuldadesdeaprendizagem.com/modules/news/index.php>.

BORBA E BRAGGIO. **Como interagir com o disléxico em sala de aula.** ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA – ABD. São Paulo: ABE, 2016.

Capovilla, A. G. S., Smythe, I., Capovilla, F. C., & Everatt, J. (2001). Adaptação brasileira do International Dyslexia Test: Perfil cognitivo de crianças com escrita pobre. *Temas sobre Desenvolvimento*, 10(57), 30-37.

Critérios de Diagnósticos da Dislexia. Disponível em:

<https://dislexia.pt/diagnostico/> Acesso em 02/11/2017.

DAVIS, R. BRAUN, E. **O Dom da Dislexia.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

De Luca Inez- Dislexia.org –Disponível em: inez.deluca@dislexia.org.br. Acesso em 20/11/2012.

Educação Inclusiva - Um Pouco de História. Disponível em:

<http://www.rioeduca.net/blogViews.php?bid=20&id=3444>. Acesso em 02/11/2017.

FRANK, R. LIVINGSTON, Kathryn E. **A vida secreta da criança com dislexia.** São Paulo: M. Books do Brasil, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* São Paulo: Paz e terra, 2011.

LDB (1996) **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em 28 out. 2017.

MUSZKAT E RIZZUTTI. **O Professor e a Dislexia.** São Paulo: Cortez, 2012.